

Alterações de texto significativas, favor imprimir e recortar:

Página 16 - (estou trabalhando diretamente na tela do computador. No rascunho está na página 17, último parágrafo).

Abiolá, antes de valer-se dos meios para empreender a viagem de volta a Ughoton, decidiu-se por aceitar um convite em aberto. "Faça um *stop over* quando quiser, para um chá com *brandy*" – convidara-o reiteradamente para uma visitinha um clérigo inglês, cabelos cor de palha de milho seca, levemente ondulado, de cara redonda e avermelhada, pela ingestão constante de conhaque e gim. Sabia que teria de passar algum tempo com um falastrão incoseqüente, com escasso relacionamento com Jesus e com os preceitos bíblicos, mas chegado a alguns ingleses que adoravam suas anedotas e trocavam confidências. Abiolá mantivera encontros com o missionário em Ughoton, e em cada vez recolhera informações as vezes preciosas, outras inúteis, num recanto afastado da corte onde estar esclarecido era manter-se um passo à frente dos demais, ou próximo, mesmo longe, do obá que carecia de informes externos.

Era um entardecer e Abiolá passou a caminhar por uma cidade muito avançada para os padrões da época. Havia uma longa e espaçosa avenida. Um holandês já comentara com Abiolá que mesmo a rua principal de Amsterdã era muitas vezes mais estreita do que àquela onde dava seus comedidos passos. E tal como a rua *Warme*, dos amsterdameses, era margeada por casas, com passeios enfeitados com árvores. O fim da rua por onde transitava Abiolá, ou seu início, tinha um portão de madeira grande e muito sólido, guardado por uma sentinela, com uma passagem sobre um fosso seco, cheio de árvores muito altas. Adiante dos portões, como em muitas cidades, ficavam subúrbios ou zonas rurais, onde se alojavam ex-hierarcas e mesmo rainhas-mães de obás e os súditos mais humildes.

Na página 20 (tela do computador) mudar:

– As armas preparadas pelo mestre Kotoú! – Exclamou Obarô, numa referência ao protegido de Idugbowa e predestinado artesão. Favorito, porque Idugbowa fazia-o estar sempre por perto, submissão que Kotoú aceitava como uma deferência real. Idugbowa tinha evidente inclinação para amar os cavalos e, da mesma forma, admirar as obras de arte que se empilhavam por todos os cantos do palácio, obras que Kotoú era capaz de reproduzi-las imitando-as em madeira, marfim e barro; e que poderia, se seu pai permitisse, vir a fundir obras em metal. Seu pai o iria iniciar, naturalmente, nesse estágio; era, apenas, questão de tempo. Os mestres tinham linhagens

hereditárias. O pai de Kotoú era o grande mestre das artes da capital do reino, vivendo por isso em dependência do palácio real. Seu filho encontrava-se em meio ao grupo porque herdeiro de uma das mais respeitadas figuras na corte, próximo ao nível do próprio prefeito e da sacerdotisa. Idugbowa e Obarô valorizavam os experimentos de Kotoú, especialmente as cópias que fazia de espadas, arcos, escudos e, mesmo, armas de fogo, que todos usavam em batalhas imaginárias, contra os inimigos de sempre, as vizinhas nações-Estado, permanentemente às turras com o obá, omitindo-se, sempre que possível, do atendimento das cobranças de pedágio, proteção e impostos que eram criados à medida que o erário de Benin demandava.

Obarô nunca vira o próprio obá Adolô, seu pai, participar de uma guerra. Sabia que seu general, chefe dos guerreiros, participava dos combates. Em seu sonho de ser obá, misturava essa condição com a de general e, somando as duas coisas, pretendia, como ouvira em conversas cruzadas, erradicar os povos vizinhos.

Pg. 21

A morada da soberana – como das demais mulheres, seja no palácio do chefe de Benin e de resto nas casas em geral no país – ficava fora do palácio ou prédio principal. Era estilo atávico, seguido pelos plebeus, naturalmente, separar a residência dos homens das dependências para mulheres e crianças: constituíam-se em unidades autônomas. Aqui, febrilmente as mulheres desempenhavam as mais diversas tarefas, principalmente de cozinhar, manter a limpeza, confeccionar roupas e adereços, muitas produzindo de forma semi-industrial, vendidas para mulheres outras que as expunham nos mercados e caravançarás.

Pg. 23

Visto num cenário em processo de amadurecimento para Abiolá a idéia não era de todo ruim. Afinal, era um novo mundo que se descortinava muito longe da África, um mundo de máquinas que eram impulsionadas por água fervendo e que ferviam pela queima de pedras retiradas do fundo da terra e, mais, que transformavam o algodão em fios finíssimos que trançados faziam surgir fazendas em grande quantidade. Não era a primeira vez que Cranfield e outros ingleses haviam insinuado esse pensamento, que já chegara até Adolô, o obá.

Pg. 33

Era, sem dúvida, um rosto de rainha, *doce e compassivo*. A peça deveria estar num altar do palácio real; retratava uma rainha,

obra produzida há muitos séculos, como se gabava em pose iconoclasta o dono da casa.

Horas depois, Olosegum sentava-se à frente de outro personagem, Obasanjô e acertava em cento e cinquenta o número de escravos altos – homens que podiam medir dois metros e dez centímetros e mulheres com até um metro e noventa centímetros de altura.

Pg. 43

Não passou pela cabeça do capitão-de-fragata Harry Levingston Sauer, filho de tradicional família inglesa, que a razão do impedimento parlamentar de Bacon foi haver sido condenado por corrupção passiva: aceitou suborno. A história tinha de conservar a imagem do pensador íntegra.